

Sandra Patrício
Universidade de São Paulo



Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Vice coordenadora do Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (IPUSP); líder do Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade (IPUSP); membro colaborador do Grupo de Pesquisa em Política Ambiental (IEA-USP) e do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

cv: <http://lattes.cnpq.br/6404152265871629>

E-MAIL: sandrapatricao@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3838-122X>

Uma perspectiva para a compreensão do ethos humano

RESUMO: Pondera-se a existência de uma relação universal e, senão atemporal, ao menos submetida a uma temporalidade de longuíssimo prazo, correspondente aos tempos naturais da evolução geológica e biológica e à lenta formação e desenvolvimento histórico das culturas – uma relação natural (como que) de moldagem contínua e recíproca entre um lugar e a vida (entendida em suas múltiplas acepções) de seus habitantes. Considerando-se os significados assumidos ao longo do tempo pela palavra ethos, cuja origem remonta à ancestralidade indo-europeia, parece lícito empregá-la para nomear tal relação. Nesta perspectiva, defende-se a necessidade de investigar a gênese e a estrutura da relação ética específica dos homens

(ou seja, relativa ao ethos humano), como meio necessário ao estabelecimento de parâmetros orientadores de avaliações, decisões e ações, nos planos pessoal e político, sobre os modos possíveis e desejáveis de habitarmos a Terra como seres humanos, em companhia de outros seres, por um tempo indefinível

PALAVRAS-CHAVE:

ETHOS HUMANO, LUGAR,
COMPORTAMENTO,
SUBJETIVIDADE, MUNDO
CONTEMPORÂNEO.

A perspective for the understanding of the human ethos

ABSTRACT: The existence of a universal relationship is considered and, if not timeless, it is at least subject to a very long term of temporality. This scale corresponds to the natural times of geological and biological evolution and the slow formation and historical development of cultures – a natural relation (as if) of continuous and reciprocal molding between a place and life (understood in its multiple meanings) of its inhabitants. Considering the meanings assumed along the time by the word ethos, whose origin traces back to Indo-European ancestry, it seems to be licit to use it to name such a relation. In this perspective, the need to investigate the genesis and structure of the specific ethical relationship of men (that is,

relative to the human ethos) is vindicated as a necessary mean to establish the guiding parameters for evaluations, decisions and actions, in the personal and political level, on the possible and desirable ways of inhabiting Earth as human beings, in the company of other beings, for an indefinable time.

KEYWORDS: HISTORY OF PSYCHOLOGY, SOCIAL PSYCHOLOGY, SOCIAL INTERACTION.

Uma perspectiva para a compreensão do ethos humano

Sandra Patrício
Universidade de São Paulo

Marco descreve uma ponte, pedra por pedra.
— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.
— A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
— Sem pedras o arco não existe.
Ítalo Calvino¹

Impossível destrinçar as muitas relações que Ítalo Calvino deverá ter suposto para imaginar e escrever este singelo diálogo, e que devemos também supor para a sua leitura compreensiva – a começar pela nossa relação com Ítalo Calvino e sua escrita, dele com as

¹ CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Cia. das Letras, 1990 [pp. 79].

letras, dele e de todos nós com as pontes, arcos e pedras, com o engenho construtivo, com as histórias e estórias que cercam as figuras de Kublai Khan e Marco Polo... posso afiançar que é inspirador exercitar-se na, digamos, escavação das relações que aí se escondem – inspirador ao ponto da vertigem! Mas estas páginas não têm este exercício como propósito; estas minhas colocações iniciais querem apenas predispor meu leitor a pensar o que é uma *relação*.

Consultando um dicionário de português, podemos encontrar que a palavra ‘relação’ provém do latim e que significa ‘descrição, notícia’ ‘semelhança, analogia’ (CUNHA, 2007). O professor Leônidas Hegenberg (1995) instrui que nos tratados clássicos de Lógica o termo ‘relação’ jamais foi adequadamente definido, neles não ficando clara a distinção entre proposições categóricas e relacionais, e que o assunto converteu-se em tópico importante apenas a partir dos estudos de Augustos de Morgan (1806-1871) e de Charles Sanders Peirce (1839-1914) sobre proposições relacionais. Ele acrescenta que “*Na Teoria dos Conjuntos, uma relação (binária), em um dado conjunto E, é simplesmente uma coleção de pares ordenados*”. Mas discutir o que é uma ‘relação’ também fugiria ao propósito central deste texto – fica apenas insinuado o escopo de sentidos que tal termo pode assumir e registrada a recomendação para que isto seja pensado. Por agora, é preciso contentar-se com uma referência sumária aos modos usuais de uso e entendimento do termo, para o que me valho do verbete presente no Dicionário de Psicologia APA (VANDENBOS, 2010):

Relação s. 1. Relacionamento recíproco de empatia, confiança e unidade entre duas ou mais pessoas. 2. Qualquer tipo de ligação significativa entre dois ou mais eventos ou entidades. A natureza específica dessa ligação varia com o contexto e a disciplina. Em ciência, por exemplo, uma relação é primariamente uma

relação causal. 3. Pareamento ou mapeamento entre os elementos de dois conjuntos de modo que cada elemento do primeiro conjunto (ou condutor) faça par com apenas um elemento correspondente do segundo conjunto (ou seguidor). – relacionado *adj.*

Volto-me, então, para meu assunto principal: o estudo do *ethos* humano. Os significados assumidos pela palavra *ethos* ao longo do tempo sempre apontaram no sentido de uma ligação, inerente e objetiva, observável, visível, entre o indivíduo, seu grupo específico e a situação em que se encontram, sendo aplicável e de fato aplicada aos animais, deuses e homens. Tal palavra surgiu e vem sendo empregada e transmitida desde muito tempo atrás, sendo hoje empregada predominantemente como termo que abrange os costumes típicos de uma comunidade ou de um povo que habita um território comum, homogeneizados pelo compartilhamento de valores e normas culturais, conotando-se muitas vezes com uma apreciação positiva destes costumes (como se não pudesse haver um *ethos*, digamos, ruim). Nos campos da Retórica e da Literatura, *ethos* relaciona-se com as qualidades de um orador/escritor, sobretudo suas qualidades morais, intelectuais e verbais – genuinamente verdadeiras ou cuidadosamente escolhidas e simuladas – que transparecem em seus discursos e que exercem influência naqueles a quem se dirige, tanto ou mais do que o conteúdo do próprio discurso.

Ethos é uma palavra que reporta a dois vocábulos gregos antigos: **éthos** (ἔθος - grafado com epsilon) e **êthos** (ἦθος - grafado com eta). De modo geral, os especialistas concordam que, antigamente, **êthos** (ἦθος, com eta) significava o habitat, o lugar, a morada típica de uma espécie animal, enquanto **éthos** (ἔθος, com épsilon) significava os hábitos, os costumes, o modo de proceder característico de um animal, mas também de um homem, ou de um

grupamento humano (conforme, p.e., MURACHCO, 1997; PROSCURGIN JR., 2007; SPINELLI, 2009), embora estas semelhanças e diferenças de significado não sejam, de fato, matéria incontroversa. Quanto à origem destes vocábulos, *éthos* e *êthos*, a partir do indo-europeu, ambos parecem reportar-se à raiz indo-europeia *s(w)e-*, sobretudo em sua forma estendida *swē dh*, cujo sentido seria “aquilo que é próprio (de alguém ou de um grupo)”, peculiaridade, costume. Com este sentido, teria dado origem a palavras como, no inglês: *sodality/sodalities* (irmandade/fraternidade, indicativa da associação de pessoas que possuem alguma característica comum, compartilhada, sendo solidárias entre si); no latim: *consuetude* (usos e costumes; o que é consuetudinário, que se pratica habitualmente, que diz respeito aos costumes de um grupo); no grego: além de *ethos* (de onde proviriam, por exemplo, ética, etologia, cacoete), também *ethno-*, grupos de pessoas que vivem juntas, nação, povo (do qual provém etnia, etnografia etc.).

Em suma, o sentido originário da raiz *s(w)e-*, e por derivação o sentido dos vocábulos gregos ***éthos*** e ***êthos***, hoje comumente grafado na forma ambígua ‘*ethos*’, parece abranger, simultaneamente, a idéia de próprio, de pertencente a um indivíduo, e a idéia de ser algo ou alguém familiar, pertencente ao grupo ao qual o próprio sujeito pertence, seja por laços de “sangue” ou de “solo” comum – daí que derive, também, para a idéia de lugar próprio, familiar, confiável, querido (p.e., POKORNY, 1959-1969). Em português, a língua hoje praticada em nosso solo comum, temos um bom exemplo para ajudar a compreender esta abrangência da raiz *s(w)e-* e o sentido implicado nas palavras que dela derivaram: o pronome oblíquo “se”, empregado com funções apassivadoras, reflexivas, ou de indeterminação do sujeito. Pense na bela frase de José Manuel Marques Pinto: “Vive-se o que a Vida deixa Viver” – o que a vida

deixa viver é o que vivemos, eu, você, nós todos, os humanos sobre a Terra; este “-se” que aí comparece instala uma espécie de ligação, de sentido circular e reversível, entre o indivíduo, seu grupo específico e a situação (o lugar) em que se encontram.

Esta circularidade e seus efeitos simbólicos subjacente aos significados convencionados ao longo do tempo para o uso de palavras derivadas da raiz *s(w)e-*, por si só, justifica o interesse de se estudar o *ethos* humano no campo das Humanidades e das Ciências Humanas e Sociais e, dentre elas, particularmente a Psicologia Social, e sugere também o potencial heurístico de um tal estudo para o conhecimento e a reflexão sobre a realidade da vida e do mundo humano na contemporaneidade. Mas eu gostaria que ficasse inteiramente clara minha posição: acredito que a palavra *ethos*, se originou-se na ancestralidade indo-europeia, nem por isto deixa de nomear algo de universal. Trata-se, a meu ver, de um modo particular, histórico, de apontar uma relação geral, universal, a-histórica, entre indivíduos e coletivos vivos específicos e seu lugar de vida.

Dito de outro modo, penso que a instauração da palavra, conquanto razoavelmente bem localizada e datada, deu-se com base no reconhecimento, possível e provavelmente intuitivo, de uma relação universal e, senão atemporal, ao menos submetida a uma temporalidade de longuíssimo prazo, correspondente aos tempos naturais da evolução geológica e biológica e à lenta formação e desenvolvimento histórico das culturas – portanto, meu interesse volta-se não à palavra *ethos*, sua etimologia e filologia, mas sim a esta relação universal que tal palavra teria vindo nomear.

Tenho defendido a tese de que o *ethos* é uma relação natural (como que) de moldagem contínua e recíproca entre um lugar e a vida de seus habitantes (RIBEIRO, 2018). Esta formulação, assumidamente preliminar (até precária, mesmo), exige pelo menos oito breves esclarecimentos:

1. “uma”, indica que a relação que tenho em mente é certa, precisa, única; um tipo especial de relação que ocorre sempre, entre todo e qualquer lugar, e todo e qualquer de seus habitantes, seja quando são tomados individualmente, seja quando são tomados coletivamente;
2. “relação” indica que observando-se uma dada situação, seja diretamente ou seja através de relatos ou narrativas, e comparando-se entre si aqueles elementos (o lugar e a vida de seus habitantes), constatar-se-á semelhanças, isomorfias, correspondências, entre os componentes físico-químicos, orgânicos e formais, inclusive simbólicos, de tal situação;
3. “natural” quer dizer que tal relação é factual, não necessariamente lógica e menos ainda dependente do desejo ou do arbítrio humano – até ao contrário, nossa possibilidade de exercer algum controle quanto a isto depende necessariamente do reconhecimento de sua inexorabilidade universal;
4. a expressão “(como que) de moldagem” quer dizer, primeiro, que para o momento contento-me com uma expressão analógica ou mesmo metafórica acerca de tal relação e, segundo, que o processo de moldagem parece-me análogo (ou, pelo menos, uma imagem sugestiva) da relação que pretendo assinalar – acrescido da vantagem, digo-o claramente, de que o processo de moldagem, conquanto não afaste certa causalidade mecânica, tem uma aparência suficientemente lúdica e misteriosa para sustentar a dúvida e o *pensamento que medita* sobre tudo o que nele se verifica;
5. “contínua e recíproca” quer dizer que, sob a regência de tal relação ética (ou seja, concernente ao ethos), todos os componentes físico-químicos, orgânicos e simbólicos interagem e se amoldam entre si, global e ininterruptamente (pelo menos, enquanto o sistema *lugar-vida* se mantiver ordenado);

6. “lugar” quer dizer, ambigualmente, *topos* e *chôra* (cf., p.e., BERQUE, 2003; 2012), ou seja, tanto quer dizer certa posição e limites precisos de uma porção do espaço tridimensional que podem ser objetivamente indicados mediante coordenadas cartesianas (*topos*), quanto quer dizer, já não somente a forma momentaneamente assumida por uma porção do espaço, mas também muitos outros aspectos: as transformações sucessivas de que seus habitantes têm memória, as qualidades atuais dos objetos que se concentram numa dada região do espaço e seus usos praticados no presente e também aqueles que são projetados para o futuro, as afetações recíprocas entre estes objetos e as motivações que eliciam nos viventes que coexistem nesta região, o valor pragmático e simbólico que possuem no mundo humano tanto em níveis particulares quanto em nível geral e que, nas palavras de Platão, gestam e nutrem o devir de tudo e de todos que lá existem (*chôra*);
7. “vida” quer dizer, de um lado, a vida orgânica individual com tudo que isto implica, notadamente um corpo físico e vivo, cuja formação, funcionamento e adaptação transcorre sob condições filogenéticas estritas, que as condições ontogenéticas podem modificar mas jamais ultrapassar – algo a que os gregos antigos teriam chamado pelo nome *zoé* (cf., p.e., BESSELAAR, 1994; AGAMBEN, 2002), quanto, por outro lado e ao menos no caso humano, tanto a vida psíquica individual e subjetiva (notadamente, a simbolização, a cognição, os sentimentos, o raciocínio), quanto o modo de viver coletivo moldado culturalmente que, aliás, é efetivo em moldar também o modo individual de comportar-se (*bíos*; idem) – tudo isto recíproca e continuamente; e
8. “habitantes” quer dizer, simplesmente, todos os seres vivos que povoam certo lugar atualmente, ou seja, no momento considerado – assim, o estudo do ethos vigente num dado lugar, por exemplo, numa cidade,

deve considerar não apenas a população humana ali residente, mas também a população flutuante (turistas etc.), e mesmo outras espécies (a “fauna” e a “flora”) que coabitam com os homens neste lugar.

Assim, e sendo como penso que é, o estudo do ethos deveria revestir-se do caráter de uma ontologia profunda, capaz de dar conta não apenas da gênese e da estrutura desta relação (PIAGET, [1968] 2003), mas também dos fatores que nos trouxeram ao ponto atual. Qual é este ponto? Pois bem: um ponto no qual tende a imperar uma cosmovisão eivada de excessivo voluntarismo, na qual sabemos sempre menos sobre (e consideramos sempre menos) os limites de nosso próprio arbítrio quanto a tal relação **ética**, à despeito de que a possamos reconhecer, e a cada dia com maior clareza, na vida de todas as demais espécies animais do planeta. Quanto ao habitat e aos hábitos, sabemos cada dia menos sobre o que é específico dos homens, de todos os homens, como sabemos cada dia menos sobre o que nos afeta, nos motiva, nos move, nos anima – sabemos cada dia menos sobre nossa própria alma, nossa *anima*, nosso hálito específico, universal, dos homens. Dito de outro modo, quanto ao ethos – **amálgama de habitat, hábitos e hálito** – sabemos cada dia menos sobre o que é especificamente humano do que sobre aquilo que, com perdão do pleonasma, é *específico* de outras *espécies* de seres vivos.

Nós, os seres humanos, notabilizamo-nos pela adaptabilidade aos mais diversos lugares, pela estonteante diversidade cultural e pela singularidade de nossas experiências individuais; não admira que estejamos a cada dia menos interessados em investigar o que pode haver de comum entre os lugares que habitamos, entre os comportamentos que habitualmente adotamos, entre nossas *almas* e experiências individuais, que falemos a cada dia menos – ou então que tergiversemos a cada dia mais – sobre o que pode haver de universal

em nossos *habitats*, *hábitos* e *hábitos*, sobre o que há de comum a todos nós. Tudo se passa como se cada lugar, e nele cada pessoa ou grupo, constituísse uma realidade *sui generis*, sem comparação possível em qualquer nível, com quaisquer outros lugares, grupos ou pessoas.

De minha parte, quero colocar que as coisas não me parecem ser, de fato, assim – ao menos, quero recolocar a dúvida: podemos ou não, importa ou não, vale ou não a pena, buscarmos conhecer os contornos, os limites, do tipo de lugar e do tipo de vida correspondente ao ser humano? Como fazer isto?

As respostas preliminares que tenho encontrado (ou reformulado) orientam na direção de focar já não um ou outro, ou outro, componente ético (*habitat*, *hábito* e *hábito*) para nele propor e implementar melhorias, como tem sido feito por grande parte dos chamados cientistas humanos e sociais da atualidade, aliás, sem grande sucesso. O mais das vezes, tem-se buscado intervir sobre lugares, ou condicionar comportamentos, ou educar as almas, tendo em vista ideais de perfeição deduzidos de visões de mundo cujas origens e destinos ainda compreendemos pouco e que talvez jamais possamos compreender inteiramente. Creio que, em vez disso, **é** preciso focar a complexa **relação** entre aqueles componentes (*habitat*, *hábito* e *hábito*; lugar, comportamento e subjetividade), sem pressa de manejar, de controlar, tal relação.

Com isto não quero negar o valor das pesquisas ditas “aplicadas” ou “engajadas”, menos ainda o estudo das visões de mundo que formam nossa herança cultural; ao contrário, admito de bom grado tanto a utilidade transformadora e prática do conhecimento, quanto a inevitável adesão de todo ser humano, inclusive os cientistas, a visões de mundo preexistentes a ele e cuja compreensão deve ser perseguida a todo custo. Seja como for, parece-me acertado reafirmar a importância da pesquisa científica pura, básica,

para a compreensão desta relação a que chamo **ética** – uma relação natural (como que) de moldagem contínua e recíproca entre um lugar e a vida (entendida em suas múltiplas acepções) de seus habitantes. A questão é que não se trata de uma relação simples, de correspondência entre dois conjuntos de eventos ou entidades; “lugar” e “vida” são termos polissêmicos, densos, que evocam e reportam realidades já em si extremamente complexas. Não basta examinar isoladamente as realidades indiciadas por estes termos como geralmente veio sendo feito nas disciplinas científicas clássicas, nem examiná-las duas-a-duas em busca de eventuais ligações causais entre elas como tem sido feito, o mais das vezes, no campo atual das ciências humanas e sociais – pior, desembocando inevitavelmente em tentativas de predizer, regular e controlar o andar das coisas, sempre em vista de um mundo totalmente perfeito que, segundo certa visão de mundo tributária insuspeita de visões teocêntricas antigas, devemos e podemos construir. Frente a estas dificuldades, o que quero é afirmar que a atitude mais favorável ao estudo da relação ética corresponde, sem ressalvas, à mesma atitude recomendada aos psicanalistas por Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979), nos termos de três negações: uma atitude *sem* memória, *sem* desejo e (conquanto estejamos sempre em busca de compreender) *sem* ânsia de compreensão (p.e., BION, 1994).

A compreensão da relação ética é, segundo penso, uma condição necessária a que possamos estabelecer parâmetros mínimos que orientem nossas decisões sobre onde e como queremos viver, onde e como é possível viver, por um tempo indefinido e talvez indefinível, como humanos, seja no que concerne às decisões individuais, seja no que concerne às decisões coletivas ou políticas. Em suma, penso que enquanto ignorarmos o que é comum em nós não poderemos estabelecer parâmetros orientadores de avaliações,

decisões e ações, nos planos pessoal e político, sobre os modos possíveis e desejáveis de habitarmos a Terra como seres humanos, em companhia de outros seres; não poderemos construir um mundo suficientemente bom para todos nós, sobretudo porque tal ignorância, logicamente, tende a impossibilitar qualquer sentimento de compaixão para com os indivíduos e grupos humanos distintos de nós próprios, de nossos próprios grupos – assunto que, de modo ligeiramente diferente, é abordado por Richard Sennett (2003) dentre muitos outros, assim como impossibilita a percepção de nosso *destino comum* com as demais espécies vivas do planeta e, em síntese, o reconhecimento de nossa dependência absoluta do lugar (primordialmente, *chôra*), em que vivemos.

Como arremate, parece-me oportuno ilustrar mais concretamente minha concepção da relação ética; pois bem: ela pode ser intuída diante de qualquer situação na qual possamos aplicar, por exemplo, o conceito de “trauma”. Como todos sabem, um “trauma” é geralmente reconhecido como o impacto de um evento externo, localizável no espaço-tempo, sobre um sujeito (individual ou coletivo), resultando em consequências mais ou menos duradouras à sua vida física e/ou psíquica, com reflexos verificáveis em algum grau sobre seu corpo e/ou sobre seu comportamento manifesto ou encoberto. Para uma aproximação mais lúdica, pode-se começar a pensar o assunto a partir de uma deliciosa “tirinha” de Bill Watterson (s/d) que dispensa comentários:



Capítulo 1

Uma perspectiva para a compreensão do *ethos* humano
Sandra Maria Patrício Ribeiro

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio (1995). *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

BERQUE, Augustin. 'Lieu'
1. EspacesTemps.net, Livres,
19.03.2003. <http://www.espacestemp.net/articles/lisquolieursquo-1/>

BERQUE, Augustin. "A chôra em Platão". In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.), "Filosofia da Pisagem. Um manual". Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012 (pp. 29-37)

BESSELAAR, José Van Den. *As palavras têm a sua história*. Braga (Portugal): Edições APPACDM, 1994

BION, w.r. (Wilfred Ruprecht). *Estudos psicanalíticos revisados – second thoughts* (tradução de Wellington M. de Melo Dantas). Rio de Janeiro: Imago, 1994

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007

HEGENBERG, Leônidas. *Dicionário de lógica*. São Paulo: EPU, 1995

MURACHCO, Henrique Graciano. *Algumas considerações sobre a ética de Aristóteles: o homem na pólis e nas relações individuais*. In: *HΘΣ*, ano 2 /1997, nº 3, (úmero especial / Ethos, Ética (pp. 30:37).

PIAGET, Jean (1968). *O estruturalismo* (tradução de Moacir Renato de Amorim / Rio de Janeiro: Difel, 2003

POKORNY, Julius. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. Bern: Francke, 1959-1969. Disponível em: <https://academiaprisca.org/es/recursos/diccionario-etimologico-indoeuropeo-de-pokorny/>.

PROSCURCIN Jr., Pedro. *Investigação fenomenológica e sentido originário do êthos (HΘΣ)*. DM FDUSP, 2007.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003

SPINELLI, Miguel. Sobre as diferenças entre éthos com epsilon e êthos com eta. Trans/Form/Ação, São Paulo, 32(2): 9-44, 2009

VANDEBOS, Gary R. (org.). Dicionário de psicologia APA. Porto Alegre, Artmed, 2010.

RIBEIRO, SANDRA MARIA PATRÍCIO. Lições preliminares para o estudo do ethos contemporâneo [doi:10.11606/T.47.2019.tde-05042019-100757]. Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho). - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. -- São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-05042019-100757/pt-br.php>

Capítulo 1

Uma perspectiva para a compreensão do ethos humano
Sandra Maria Patrício Ribeiro